



# AS FACES DO BRASIL NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

*Chaylenne Santos Muquim*

*Orientadora: Flávia Amparo*

*Mestranda*

RESUMO: As obras *Mr. Slang e o Brasil e América* de Monteiro Lobato retratam a realidade política, social e econômica do Brasil em comparação com grandes potências mundiais, tais como: Estados Unidos da América, Inglaterra e Alemanha. Com isto, o estudo a ser realizado das obras levarão em consideração a situação social vivida no país e as experiências pessoais e profissionais do autor, desta forma, realizando um laço entre a literatura e a vida. Além disso, será fundamental o estudo das relações humanas dos brasileiros e estrangeiros em seus países de origem, assim como também será considerada a relação de amizade e aprendizado entre os personagens das obras. Mais ainda, é válido lembrar que outros trabalhos publicados pelo autor serão relevantes para o enriquecimento de um estudo crítico sobre *Mr. Slang e o Brasil e América*. Desta forma, todo o estudo realizado será essencial como referência para se traçar um paralelo entre as ideologias políticas de Monteiro Lobato e a realidade que se tem atualmente, com isto, o legado intelectual do autor será utilizado como uma forma para se estudar e entender a realidade social e político-econômica, assim como a identidade do brasileiro, que por sua vez, é inumeravelmente discutida por Lobato. Portanto, *Mr. Slang e o Brasil e América* serão o pilar para todo o estudo sociológico sobre o Brasil (e as suas relações com o exterior) e seus resultados qualitativos em diversos eixos do tempo, inclusive o atual.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato, *Mr. Slang e o Brasil*, América.



Nascido em Taubaté, interior de São Paulo, Monteiro Lobato conhecia com propriedade a problemática do interior, e a este cenário repleto de dificuldades e negligências públicas, o autor torna-se a voz do interior paulista. Embora o autor seja neto do Visconde de Tremembé, e por isso tenha tido uma vida privilegiada entre os demais de sua realidade local, Lobato dedicou parte de sua vida para retratar as dificuldades vividas no interior, tais como a ausência de saneamento, educação de qualidade, emprego, e etc. Contudo, encaminhado pelo tempo e o amadurecimento, Monteiro Lobato decorre do regionalismo paulista para debruçar-se na temática da industrialização urbana, desta forma, o ícone Henry Ford torna-se o grande herói da modernização tecnológica dos Estados Unidos, além disso, Ford foi gloriosamente admirado pelo Mr. Slang, personagem da obra *Mr. Slang e o Brasil* e retomado em *América*. Mais ainda, a ótica do personagem inglês residente na Tijuca, demonstra a perspectiva de um homem sábio que, inumeravelmente será um “oráculo” para os problemas do Brasil. Desta forma, o inglês apresenta em seu discurso uma sabedoria e um conhecimento de um homem viajante e, sobretudo, de um britânico intelectual que possui propriedade para argumentar sobre os pilares sociais e políticos de um país. Com isto, o trabalho sociológico de Mr. Slang estudar o país em *Mr. Slang e o Brasil* e em seguida apresentar outra perspectiva de qualidade de vida e modernização tecnológica em *América*, demonstra que o Brasil não estava no caminho certo para o progresso, mas poderia estar, caso se modernizasse tecnologicamente como os Estados Unidos, ou seja, adaptar-se ao modelo americano de vida.

## 2- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

De acordo com o pensamento lobatiano, o Brasil estaria longe do progresso almejado pelo o fato de não acompanhar o ritmo de desenvolvimento dos países de grande destaque no cenário político e econômico, como os Estados Unidos e a Inglaterra. Para Lobato, era necessário que o país enfrentasse a sua situação político-econômica a partir de bons exemplos de outros países, neste caso, Mr. Slang é a representação de um país bem sucedido socialmente e intelectualmente,

diferentemente disto, o Brasil apresenta-se como um país retardatário e de negligência pública. Em relação a isto, Mr. Slang afirma:

- O Brasil não prospera, meu caro. Não pode prosperar. Chamam vocês aqui prosperidade a um claro fenômeno de gigantismo. Há deformação para o maior apenas. Inchaço. Entre Argentina e Estados Unidos, o Brasil dá-me a ideia duma lesma ensanduichada entre duas locomotivas (LOBATO, 1964, p. 48).

Segundo Mr. Slang, a ideia de progresso do Brasil seria, em verdade, um discurso utópico, algo inalcançável tendo em vista a realidade brasileira. Além disso, o inglês da Tijuca afirma que a prosperidade do país seria um fato de “fenômeno de gigantismo”, ou seja, algo extraordinário e impensável para o país. Ao contrário disto, nos Estados Unidos e na Argentina a prosperidade seria considerada apenas como uma meta, em relação a isto, Mr. Slang faz uso de uma alusão na qual o Brasil, diante de duas potências mundiais, é uma “lesma”. Além disso, é válido lembrar que o crescimento do país era ínfimo ao se comparar com os Estados Unidos, pois o Brasil somente possui riquezas em estado bruto, em contraposição disto, o desenvolvimento de diversas nações era constante e eficiente, como por exemplo na Alemanha, Inglaterra, Argentina e Estados Unidos. Sobre isto, Mr. Slang afirma:

O Brasil, com os seus incontáveis recursos naturais e seus 30 milhões de habitantes, produz menos que... a fabrica Ford! Henry Ford, à testa de 50 mil operários, transforma matériaprima em utilidades no valor de 8 milhões de contos por ano. Nós, um país! Não chegamos lá!... (LOBATO, 1964, p. 146).

Historicamente, o Brasil sempre apresentou um baixo nível de progresso, pois após a Proclamação da República o país ainda se encontrava desnorteado, afinal, as relações político-sociais ainda estavam vinculadas aos moldes coloniais, pois apesar da independência política ter ocorrido no Brasil, a República Velha ainda vivia socialmente os resquícios dos padrões de vida coloniais. Desta forma, São Paulo surge para Lobato como o único vestígio próspero de progresso econômico, tecnológico, social e intelectual, tendo em vista o investimento financeiro na cidade de São Paulo e até mesmo liderança do país que no período vigente foi ocupado pelo presidente Washington Luís, que por sua vez, era paulista. Em relação a isto, Maria de Fátima da Costa Marques afirma:

Segundo nossas pesquisas é possível afirmar que, a partir de meados do século XIX, o imaginário paulista esteve pautado nas ideias de progresso e modernidade, concepção essa mais difundida depois do advento da República, em que os republicanos viam com desprezo o passado colonial e imperial, considerando estes modelos como formas atrasadas de vida. Assim, cada vez mais as referências europeias e, posteriormente, norte-americanas, foram trazidas como padrão a ser seguido, em detrimento do patrimônio cultural nacional (MARQUES, 2014, p. 22).

Mais ainda, em *Mr. Slang e o Brasil* o país é apresentado como “uma massa falida” (LOBATO, 1964, p.34) que dificilmente se recuperaria, pois a instabilidade monetária e a ausência de recursos financeiros inviabilizavam qualquer investimento possível, desta forma, o país jamais poderia ser atrativo para a ascensão do comércio interno e externo. Aliás, a única região brasileira que se destaca mediante a situação política do país é a região Sul e o estado de São Paulo, que por sua vez, é apresentado como o maior polo industrial e de investimentos financeiros do Brasil. Além disso, São Paulo era vista por Lobato como a melhor referência de qualidade de vida do país, a modernidade social das elites (diferentemente do Rio de Janeiro que caracterizava-se pelo conservadorismo), o desempenho político e a modernidade tecnológica impulsionavam o estado a ser o melhor modelo a ser seguido pelas demais regiões do país. Em relação a isto, Mota afirma:

O símbolo preferencial de Lobato para o caminho a ser adotado pelo Brasil era encontrado no estado de São Paulo. Sua Paulistanidade se revela no apontamento dos indícios de modernidade já presente em São Paulo. O estado paulista é apontado por Lobato como “o galho mais vigoroso da árvore doente chamada Brasil” (LOBATO, 1959:33). Dentro da realidade brasileira onde imperam o atraso e a improdutividade, o estado paulista é o modelo a ser seguido pelo “resto do país” (LOBATO, 1959: 33. apud MOTA, Danyllo Di Giorgio. 2010, p. 5).

Em *Mr. Slang e o Brasil*, Monteiro Lobato demonstra nitidamente o seu apreço por São Paulo, que por sua vez, era considerado como um exemplo de modernidade urbana e intelectual. Entretanto, o autor também expressa uma admiração e orgulho pela cidade de São Paulo (capital do estado) que, mesmo não sendo paulistano por nascença, utilizou a paulistanidade como um

recurso de identidade e modelo de vida para os outros estados brasileiros, afinal, a cidade de São Paulo é representada como uma referência de progresso econômico e social. Desta forma, em relação à paulistanidade lobatiana Mota discorre:

A ideia de Paulistanidade está relacionada à necessidade de modernização nacional através de transformações no campo político brasileiro que possibilitassem o progresso econômico do país tendo como referência a “realidade” paulista e as características “modernas” presentes em São Paulo. [...] Dessa forma, a defesa das ideias de valorização do estado de São Paulo como símbolo de modernidade e exemplo para o Brasil servem também para manter a proximidade do autor com o grupo político dominante no estado paulista. Este aspecto também pode ser percebido ao longo dos textos de *Mr. Slang e o Brasil* nos comentários elogiosos ao presidente Washington Luís, apontado como símbolo do Homem paulista por ser possuidor de um grande “valor moral”, diferenciando-se assim dos homens que dominaram a política nacional ao longo da Primeira República (MOTA, 2012, p. 3, 5).

Além disso, é válido lembrar que inúmeras vezes Monteiro Lobato demonstra ser o *Mr. Slang*, desta forma, pode-se compreender que o autor utiliza o personagem para dizer tudo aquilo que pensa e, talvez, aquilo que não pôde ter dito em algum veículo de exposição pública. Nota-se que “é Lobato falando a todo povo brasileiro aquilo que os jornais não diziam nem esclareciam, explicando em linguagem simples a instabilidade da moeda, os impostos absurdos e a importância do voto secreto” (Abreu, Tâmara. *Mr. Slang e o Brasil: um xeque-mate nacionalista*. in.: Lajolo, Marisa. 2014: 231). Contudo, pode-se perceber que Monteiro Lobato utilizou todas as suas críticas construtivas e denunciadoras sobre o Brasil em suas obras, entretanto, *Mr. Slang e o Brasil* revela o compromisso incansável de um cidadão inconformado com o seu país e, que por sua vez, somente deseja a sua verdadeira prosperidade e progresso. A seguir, Tâmara Abreu realiza uma seleção de quatorze denúncias feitas por Monteiro Lobato em *Mr. Slang e o Brasil*:

A ignorância e apatia do povo brasileiro;	A burocracia;
A instabilidade e o mal estar;	O parasitismo e a inoperância do funcionalismo público;
O voto aberto ou de cabresto;	A corrupção e o nepotismo;
A imprudência e a irresponsabilidade nas decisões políticas;	A falta de estradas;



O sistema tributário nocivo e incoerente,	A inutilidade da marina e do exército;
O protecionismo fiscal;	A imoralidade dos governantes;
A carestia de comida e de livros;	A impunidade diante da imoralidade e da corrupção.

(Abreu, Tâmara. *Mr. Slang e o Brasil: um xeque-mate nacionalista*. in.: Lajolo, Marisa. 2014: 225)

Em *América*, Monteiro Lobato faz continuidade aos seus pensamentos críticos sobre o Brasil iniciados em *Mr. Slang e o Brasil*, entretanto, é válido ressaltar que neste momento o narrador brasileiro é guiado pelo inglês Mr. Slang nos Estados Unidos. Lá, os viajantes prosseguem com os seus “estudos” sociológicos sobre a sociedade e o estilo de vida americano. O interlocutor brasileiro é guiado pela sapiência do inglês culto que utiliza a sua experiência para dialogar criticamente sobre o Brasil, sendo assim, Mr. Slang pode ser compreendido como a representação da Inglaterra, ou seja, a representação de um país próspero e de sucesso econômico e social. Além disso, o inglês apresenta a peculiaridade de poder traçar uma ponte entre os continentes, já que a Inglaterra é, neste caso, a representação da Europa e os Estados Unidos como a melhor representação socioeconômica da América. De acordo com Mota, o discurso político que o interlocutor brasileiro recebe provém da experiência do inglês culto e viajante, e todo este diálogo é essencial para a formação crítica de um cidadão brasileiro:

A experiência inglesa surge como contraponto à ineficiência da administração republicana no Brasil, a imprudência que caracterizaria o brasileiro e o censo de irrealidade que provocaria o atraso do país. [...] Contudo, a Europa – representada sobretudo pela Inglaterra – e os Estados Unidos são apontados por Lobato como a ponta de lança da modernidade (MOTA, 2010, p. 5).

Mais ainda, a obra é também um somatório de críticas sobre o Brasil e as impressões do período de moradia do autor nos Estados Unidos. Sendo assim, Monteiro Lobato expressa com entusiasmo o bom aproveitamento deste período enriquecedor para o seu trabalho e vida pessoal. Inumeravelmente o autor demonstra-se fascinado com o modelo de vida americano, e isto não somente em relação à política, à mentalidade da população e à economia, mais também à cultura urbana e de elite, como pode-se ver na passagem de sua carta para seu amigo Godofredo Rangel:

Eu virei nem sei o quê – cigano, *jumping bean*, e acabei expatriado neste mundo tão avesso do nosso mundinho afro-latino. Passei de água a vinho – a mais que vinho, a uísque. Nunca mais, senão ocasionalmente, li português. Meus jornais matutinos são o *Time* e o *Sun*. Minha *Revista do Brasil* é o *American Mercury* [...]. Meus autores: [...] *Mencken*, *O'Neil* e tantos outros cujos nomes nada te dizem. Meus homens de rádio são o *Amos and Andy*, o *Floyd Gibbons* e não sei quem mais. Meu enlevo é a risada *by air* de Julia Sandersen Até à música me entreguei, eu, tão pouco musical. O *jazz* me deleita, e enlevo-me nos *songs*, nos *Broadway hits*, no perpétuo marulho oceânico desta *Broadway* onde moro<sup>1</sup> (LOBATO, 1950 apud LAMARÃO, 1992, p. 15).

Com isto, pode-se notar a influência intelectual sofrida durante os longos anos de residência nos Estados Unidos, pois ao sair do Brasil, Monteiro Lobato começa a conhecer melhor o seu país de origem, pois somente vivendo outra realidade o autor pôde refletir melhor os seus pensamentos críticos. Mais ainda, é notável o destaque da arquitetura americana, que por sua vez, é caracterizada pelo conforto e modernidade tecnológica que auxiliam a vida doméstica. Os arranha-céus, os apartamentos que se assemelham a ideia de uma cidade vertical, na qual tudo funciona com eficiência, demonstra a maravilha do estilo americano, pois todos, inclusive o interior, possuem moradias com conforto e todos os recursos de transporte e deslocamento próximos às suas casas. Desta forma, pode-se perceber que os Estados Unidos é um país para todos, uma terra onde a maioria da população vive com dignidade em suas casas. Além disso, em “América” o narrador brasileiro destaca a vida no interior, que por sua vez, não se inferiorizam diante das urbanas, como pode-se ver na passagem a seguir:

- Outro aspecto totalmente novo para quem chega da América do Sul, continuei eu, é este das habitações rurais. Em nada diferem das urbanas. Sempre o bangalô de agradável aspecto exterior e todo comodidades modernas por dentro. O radio para a captação da voz do mundo e supressão do isolamento antigo, a máquina de lavar, a máquina de passar, a máquina de aspirar pó, a máquina de lustrar, a máquina de descascar laranjas, a maquina de matar mosquitos [...] E esse Ford, inconcebível, cabrito de aço mais abundante nesta terra de Tio Sam do que besouros num país tropical (LOBATO, 1962, p. 67).

---

<sup>1</sup> M. Lobato 1950: 320 – 321 (carta de 16 de outubro de 1929)



Com isto, pode-se perceber o discurso elogioso sobre o modelo de vida rural americano e, em contra ponto, a realidade do interior paulista descrita em *Urupês* e *Cidades Mortas* que em nada se assemelham com as moradias dos Estados Unidos. Mais ainda, Lobato debruça sua atenção sobre a tecnologia muito utilizada pelo americanos, o autor insistentemente caracteriza a vida doméstica como uma foma de vida mas confortável pelo uso de máquinas que facilitam o trabalho e polpam tempo no decorrer do dia. Além disso, é possível notar a naturalidade dos aparelhos como equipamentos meramente comuns em todas as residências, inclusive o Ford, que por sua vez, é descrito como uma máquina abundante em todo o país. Diferentemente disto, o narrador se refere aos outros países, provavelmente o Brasil, como uma terra na qual sua abundancia seria o besouro, ou seja, enquanto os Estados Unidos esbanjam máquinas, outros países tropicais esbanjam besouros (LOBATO, 1962).

Mais ainda, Mr. Slang aponta os Estados Unidos como a única terra que pode proporcionar igualdade entre os cidadão, os americanos têm seus direitos assegurados e com devida eficiência. Por isso, é comum que a mentalidade dos americanos seja mais moderna e consciente em relação ao Brasil. A partir desta concepção sociopolítica, Mr. Slang relata que “só aqui as mulheres se igualam aos homens em direitos, atividades e vida fora de casa. Logo teremos eleições. Procure observar. Verá que pelo número das que votam que a América é na realidade, política e socialmente, conduzida a dois.” (LOBATO, 1962, p.79). Desta forma, nota-se que as mulheres ocupam um lugar significativo na sociedade e, além disso, lutam pelos seus direitos e, sobretudo, exerce-os com êxito e ética. Portanto, pode-se concluir que os Estados Unidos é um país de consciência evoluída em relação ao Brasil, que por sua vez, ainda encontra-se retardatário diante de grandes potências mundiais. A ótica lobatiana demonstra uma significativa insatisfação com a ausência de cidadania do povo brasileiro, afinal, a população não demonstrava um interesse político sobre o futuro do país, concomitante a isto, o comodismo e a ausência de uma postura crítica em relação à problemática brasileira se acentuavam no âmbito rural, pois de acordo com Lobato, o homem do campo é a representação da ausência de participação pública. Em relação a isto, Mota afirma:

A visão de Lobato sobre a população brasileira liga-se ao comodismo característico da mentalidade nacional. A esse comodismo Lobato relacionava o afastamento da população dos debates sobre a nação, deixando as discussões para os técnicos que tinham mais “autoridade” nos assuntos abordados. A ausência de uma opinião pública consistente é apontada por Lobato como uma das causas que teriam levado o Brasil à situação de caos em que se encontrava durante a década de 1920. Mas a crítica à falta de participação da maior parte da população nos grandes debates sobre o país era um tema já abordado por Lobato em outros momentos. [...] Lobato critica o homem brasileiro, sobretudo do meio rural, por esse afastamento das grandes questões nacionais (LOBATO, 1994: 167). Na análise de Lobato, quando não agia como um mero observador, o homem nacional, representado pelo caboclo, simplesmente ignorava as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas no Brasil. [...] No entanto, como podemos perceber, a questão da opinião pública, da participação da população nos debates sobre os destinos do país e na compreensão das grandes questões que movimentam a nação continuam sendo um problema relevante para o autor, pois se relacionam com a própria situação de crise política, econômica e social em que o país se encontrava naquele momento. Contudo, essa crítica de Lobato ao afastamento do homem do campo das grandes questões nacionais aproxima-se da ideia dos grandes proprietários rurais nesse período de que a luta pela democracia e pela participação popular ativa na política teria como limite a “porteira das fazendas” (MOTA, 2012, p. 5,6).

Certamente é possível perceber que em *América*, Monteiro Lobato demonstra-se fascinado pelos Estados Unidos e isto não somente pela temática política e econômica, mas sobretudo, pelo modo de vida americano. Os estadunidenses são descritos pelo autor como um povo consciente, engajado e de mentalidade moderna, sendo assim, de acordo com o pensamento lobatiano os Estados Unidos são um país onde o futuro já se iniciou e continua ascendendo. A obra *América* de Monteiro Lobato tornou-se um testemunho de fascinação e encantamento por um país de beleza e maravilhas sociais que infelizmente o Brasil desconhecia. Em relação à *América*, Marisa Lajolo questiona:

De qual Estados Unidos fala Monteiro Lobato aos mais de dez mil brasileiros que leram o livro na terceira década do século XX? Monteiro Lobato fala de uma América dourada e sedutora [...] cidades, monumentos, edifícios, instituições, bairros, linhas e estações de metrô, ruas e rios são o cenário a partir do qual Monteiro Lobato comenta a América (que vê ao vivo), ao lado do Brasil que, da América, vê a distância (LAJOLO, 2010, p. 294, 295).



Em *América*, Mr. Slang e o interlocutor brasileiro dialogam sobre o processo de modernização crescente nos Estados Unidos, sobretudo nas universidades, afinal, a educação americana apresentava um significativo investimento financeiro e, provavelmente, isto justificava a mentalidade moderna e progressista dos estadunidenses. Mais ainda, a tecnologia e a modernização são fatores constantes na realidade educacional do país e, por isso, os Estados Unidos são uma referência de formação e estrutura acadêmica para outros países, como pode-se notar na passagem da obra *América*:

[Fala o interlocutor brasileiro] – Quantas universidades tem a América, Mr. Slang?

[Responde Mr. Slang] – Cinquenta e seis, todas magnificamente dotadas. Esta de Princeton, por exemplo, apesar de sua matrícula de 2.000 alunos apenas, goza-se duma doação de 25.000.000 de dólares.

[Fala o interlocutor brasileiro] – Vinte e cinco milhões! Duzentos e cinquenta mil contos ao câmbio de 10 mil réis o dólar! Já é...

[Retruca Mr. Slang] – Não é não. O seu “já é” cabe melhor à de Harvard, que para um corpo de 8.000 alunos dispõe duma dotação de 108 milhões. [...] O que a América está fazendo em matéria educativa excede o poder de previsão do cérebro humano. Meu problema é este: fez o que estamos vendo, que fará num século ou dois mais, a partir deste estágio de aparelhamento cultural de que se dotou? Inútil perder tempo com a questão. Nossos tataranetos, só eles poderão responder (LOBATO, 1962, p. 82, 83).

De acordo com o pensamento lobatiano, para que o progresso se torne um fato é necessário que a população seja participativa, que apresente opinião pública e reivindique os seus direitos legais em nome do progresso. Contudo, a realidade brasileira era completamente distinta do que se almejava e, por isso, o sonho do progresso tornava-se em um sonho utópico. Diferentemente da estrutura das universidades americanas, o Brasil ainda apresentava uma significativa porcentagem de analfabetismo populacional, e a educação de base que já deveria ser eficiente e de qualidade ainda era uma preocupação para o país. Sendo assim, é possível compreender que a solução da problemática brasileira era algo que não seria solucionado rapidamente, pelo contrário, requereriam décadas para acontecer. Segundo Mr. Slang (1962, p. 83), o decurso e a possível salvação do Brasil é algo que somente “nossos tataranetos, só eles poderão responder”. Em relação ao futuro do país, Maria de Fátima da Costa Marques afirma:

Salvar o povo da situação de abandono por parte do Estado brasileiro e torná-lo capaz de promover o progresso do país eram os fios condutores das ideias de Lobato. Essa necessidade de fazer com que a população se tornasse útil estava ligada ao desejo dele de que o Brasil acertasse o passo com os países mais desenvolvidos. As referências aqueles países que estavam conseguindo entrar na era industrial e desenvolver rapidamente seu capital humano bem como suas indústrias são despidamente mencionados por Lobato (MARQUES, 2014, p. 23).

As primeiras décadas do século XX foram determinantes para o estado de São Paulo, pois o decorrer da política no Brasil tornou-se conteúdo para as reflexões de Monteiro Lobato, afinal, muitas mudanças sociais estavam ocorrendo e muitas delas já estavam presentes nos textos do autor, como por exemplo o período presidencialista de Washington Luís, que inumeravelmente foi mencionado por Mr. Slang. Desta forma, pode-se notar que as obras de Lobato, sobretudo *Mr. Slang e o Brasil e América*, trazem em seu bojo uma linearidade histórica que somente um cidadão inconformado poderia relatar criticamente. Com isto, todo o contexto histórico brasileiro, sobretudo, da região paulista não passaram despercebido pelo autor, pois para Lobato, toda e qualquer mudança deveria ser realizada em nome da modernização e do progresso. Em relação a isto, Edvane de Araújo Andrade Silva afirma:

Diante de vários pensamentos e questionamentos sobre uma melhor sociedade brasileira, as primeiras décadas do século XX foram marcadas por algumas transformações na tentativa de modernizar o país. [...] O incentivo a imigração, a urbanização, ao reconhecimento pelo serviço do trabalhador da cidade e do campo, desenvolvimento da industrialização, etc. poderia contribuir para melhorar a concepção dessa sociedade na época. Dessa forma, o Brasil seria modernizado dentro do ideal de desenvolvimento capitalista, inclusive apresentando como destaque o movimento modernista que teve seu início na década de XX. Porém, foi na década de trinta que ficaram as marcas – mudanças importantes ficaram refletidas no formato da escrita de Lobato. Foram anos de incertezas e de indefinições, mas, também, de modificações e de redescobrimientos, pois, havia a probabilidade da existência dessa nova sociedade mais organizada e próspera que pertencia ao ideal brasileiro (SILVA, 2011, p. 27).

Ainda no início do século XX, Lobato percebeu que muitas transformações que estavam ocorrendo no Brasil não favoreciam a população que mais necessitava do auxílio do governo

público e, por isso, ao invés de melhorar a realidade das mazelas, o governo somente trabalhava para a população de alto poder aquisitivo (SILVA, 2011, p. 35). Sendo assim, Monteiro Lobato não se acomodou ao perceber que o país estava sendo guiado por um capitalismo que somente visava a elite brasileira, e sobretudo, a elite paulistana. É válido lembrar que mesmo pertencendo a camada elitizada e intelectual de São Paulo, Lobato não se conformava com os rumos do país, pois para ele, o capitalismo deveria proporcionar uma qualidade de vida para toda a população como ocorreu nos Estados Unidos. Em *América*, Monteiro Lobato corrobora inúmeras vezes sobre o governo compromissado e a maravilhosa realidade que todos podem obter nos Estados Unidos, ao contrário do Brasil, que por sua vez, utiliza o capitalismo e a modernização em proveito de apenas uma camada social, ou seja, Em relação à realidade americana em oposição a brasileira, Lobato afirma:

Sinto-me encantado com a América, imaginei grande, mas é muito maior! O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro... Que estupidez infinita estragar uma vida inteira aí (no Brasil)... O mundo já está na era do rádio, e o Brasil ainda lasca pedra. Ainda é troglodita. O Brasil dorme. Daqui se ouve o seu ressonar. Dorme e é completamente cego (DUPONT, 1982, p. 32, 33).

Com isto, é possível notar a satisfação com o modelo de vida dos americanos e a insatisfação com a realidade brasileira, pois para Lobato, o país estava cada dia mais distante de um futuro próspero, tendo em vista que o progresso jamais se tornaria em uma realidade, caso as transformações sociais e econômicas não comesçassem por aqueles que mais necessitavam do apoio do governo público. Sendo assim, o Brasil ainda adormecia diante dos Estados Unidos e infelizmente investia em um capitalismo e modernização centralizada e unilateral. O discurso crítico de Lobato a todo momento demonstrou o seu posicionamento em relação ao governo vigente, como é possível observar na passagem a seguir:

Lobato dizia que “o governo não tem coragem de antepor o bem público, as verdadeiras necessidades do país, a felicidade e a prosperidade de 45 milhões de pobres diabos coloniais que somos, aos interesses dos grupos financeiros daqui, ligados ao capitalismo Anônimo Internacional que paira sobre o mundo como tremendo pássaro Roca, controlador dos governos fracos e promotor de guerras entre os governos fortes” (DUPONT, 1982, p. 33).



Em *América*, Lobato demonstra todo o seu encantamento e admiração pelo país e o seu modelo de vida social, econômico, educacional e político, pois para o autor, os Estados Unidos era a melhor representação de um futuro próspero. Na obra, Mr. Slang e o interlocutor brasileiro relatam a experiência de moradia e, de uma certa forma, o deslumbramento com a riqueza e a tecnologia que Lobato almeja para o Brasil. Contudo, é válido lembrar que inumeravelmente Monteiro Lobato posiciona-se como os personagens, tendo em vista que, o autor é o “porta voz” do futuro para o Brasil, assim como Mr. Slang de uma certa forma representa o “oráculo” para o interlocutor brasileiro. Além disso, o diálogo entre os personagens em *Mr. Slang e o Brasil e América* apresentam opiniões, questionamentos e atitudes de cidadania, e além disso, é possível notar que ambos os personagens têm peculiaridades que se assemelham ao autor, como a curiosidade, a determinação, a coragem e, sobretudo, o inconformismo. Monteiro Lobato a todo momento discorreu sobre a modernidade, contudo, talvez ele não imaginasse a imensidão de sua própria modernidade e, provavelmente por isso, não foi compreendido pelas as pessoas de sua época. Em face disso, a literatura era para Lobato a melhor forma de se expressar como escritor, cidadão, e sobretudo, um sonhador que jamais desistiu daquilo que sonhava. Em suma, *Mr. Slang e o Brasil e América* são obras que mostram as faces do Brasil em relação aos países de ascensão política, econômica e social. Monteiro Lobato é um exemplo de cidadão que lutou pelo progresso de seu país e realizou críticas construtivas para a sua prosperidade e, como qualquer outro homem inconformado com a sua realidade local, buscou formas de melhorar não somente a sua vida pessoal, como também a vida de todos os brasileiros.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Tâmara. *Mr. Slang e o Brasil: um xeque-mate nacionalista*. in.: LAJOLO, Marisa (Org.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro: Obra adulta*. São Paulo: Unesp, 2014, p. 225-226.
- DUPONT, Wladir. *Prefácio*. In.: LOBATO, Monteiro. *Obra Infantil Completa: Edição Centenária – 1882 – 1982*. São Paulo: Brasiliense, 1982.



GUIMARÃES, Márcio Renato. FOGAÇA, Francisco Carlos. GRAHL, João Arthur Pugsley. PEDRA, Nylcéa Thereza da Siqueira. FIGUEIREDO, Maria Cristina. *Cadernos da Semana de Letras*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2012.

HALLER, Joyce Uemoto. *Monteiro Lobato: A literatura como expressão do contexto (1889-1930)*. 2012. 31 f. Monografia. (graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

LAJOLO, Marisa. (Org.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro: Obra adulta*. São Paulo: Unesp, 2014.

\_\_\_\_\_. Monteiro Lobato & Isaac Goldberg: A América Latina na América do Norte. *Remate de Males*. Campinas, n. 30, p. 293-310, 2. 2010.

LAMARÃO, Sérgio. *Os Estados unidos de Monteiro Lobato e as Respostas ao Atraso Brasileiro. Lusotopie*. Niterói. p. 51-68. 2002.

LOBATO, Monteiro. *Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense. 1959, p. 33.

\_\_\_\_\_. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

\_\_\_\_\_. *Mr. Slang e o Brasil*. São Paulo, 1962.

\_\_\_\_\_. *Urupês*. São Paulo: Globo. 2009.

\_\_\_\_\_. *Cidades Mortas*. São Paulo: Globo. 2009.

\_\_\_\_\_. *Negrinha*. São Paulo: Globo. 2009.

MARQUES, Maria de Fátima da Costa. *Jeca Tatu: Recepção e Representação Literária da Ideia de Progresso*. 2014. 37 f. Monografia. (Graduação em Letras Literaturas). Universidade de Brasília, Brasília.

MOTA, Danyllo Di Giorgio Martins da. Brasil e Argentina na Geografia da Modernidade de Monteiro Lobato. *9º Encontro Internacional da Anphlac*, Goiânia, p. 1-8, 2010.

\_\_\_\_\_. A relação inseparável entre o Regional e o Nacional: Monteiro Lobato e a paulistanidade. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 139. Goiânia, p. 1-9, 2012.

\_\_\_\_\_. A república nas crônicas de Monteiro Lobato: Imprensa e literatura como fontes para a História. *Anais da II Semana da Licenciatura em História do IFG*, Goiânia, p. 1-14, 2012.

SELKE, Ricardo de Castilho. *Monteiro Lobato: Crítico Social*. 2012, 127 f. Dissertação. (Mestrado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



Anais do VIII Seminário dos Alunos dos Programas  
de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF  
Estudos de Literatura

---

SILVA, Edvane de Araújo Andrade. *Monteiro Lobato na obra “A barca de Gleyre” e o discurso racista em “Caçadas de Pedrinho*. 2011. 62 f. Monografia. (Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

STANCIK, Marco Antônio. Os Jecas do Literato e do Cientista: Movimento Eugênico, Higiênismo e Racismo na Primeira República. *Revistas 2*, Ponta Grossa, n.1, p. 45-62. 2005.